



**Oftalmologia
Humanitária**

**Esperança para a
população do Madeira**





Oftalmologia Humanitária

Humanitarian Ophthalmology

Esperança para a população do Madeira

Em 2019, o projeto Oftalmologia Humanitária realizou mais uma expedição ao interior do Amazonas para levar saúde, esperança e dignidade à população ribeirinha. Desta vez, a expedição passou por cinco municípios localizados ao longo da calha do Rio Madeira: Humaitá, Manicoré, Novo Aripuanã, Borba e Nova Olinda do Norte. A ação foi realizada entre os dias 13 e 21 de abril, como resultado desses sete dias de expedição, foram realizadas cerca de 500 cirurgias de catarata ou de pterígio e foram entregues mais de cinco mil pares de óculos.

Os números do projeto surpreendem, afinal, já são mais de 30 mil pessoas atendidas com assistência especializada e prescrição de medicamentos, além da doação superior a 20 mil lupas para perto e das intervenções cirúrgicas que superam dez mil procedimentos.

A proposta de levar cidadania e qualidade de vida para a população do interior do Amazonas, por meio de atendimento oftalmológico de alto nível, existe há mais de 30 anos, fruto de uma parceria entre médicos conhecedores da carência das pessoas que vivem longe dos grandes centros urbanos. Tendo percorrido mais de 20 municípios, alguns deles mais de uma vez, o projeto, encabeçado pela Ufam, cresce com o apoio de instituições públicas e privadas do Brasil e do exterior.





Em mais de três décadas

Na década de 1980, uma pesquisa revelou que a falta de assistência especializada seria uma das principais causas de cegueira entre a população do interior do Amazonas. Mais de 30 anos depois, Manaus ainda absorve a grande parte dos oftalmologistas do estado, numa relação de 180 na capital contra cerca de 10 nos outros municípios, quase todos com atuação itinerante.

Diante desse cenário, um grupo de médicos do Instituto de Oftalmologia de Manaus passou a organizar mutirões oftalmológicos. Anos mais tarde, em 2002, eles criaram a Fundação Piedade Cohen (Fundapi), instituição de utilidade pública sem fins lucrativos, para fazer frente a uma demanda reprimida de pacientes com doenças oftalmológicas no interior do estado, onde a catarata é a principal causa de deficiência visual grave e de cegueira irreversível.

A proposta ganhou força ao longo dos anos, e a Fundapi fechou parcerias com universidades públicas e instituições filantrópicas, como

a Universidade Federal do Amazonas (Ufam); o Instituto de Pesquisa Oftalmológica da Escola Paulista de Medicina (Ipepo-IPM); a Johns Hopkins University, dos Estados Unidos; a Universidade de Coimbra e a Fundação Champalimaud, ambas de Portugal; e o Prasad Eye Institute, em Hyderabad, na Índia.

Ao lado do professor Jacob Moysés Cohen, atual vice-reitor da Ufam, os igualmente renomados oftalmologistas e professores da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Rubens Belfort Matos Júnior e Walton Nosé abraçaram o projeto, possibilitando a adesão do Instituto Paulista de Estudos e Pesquisas em Oftalmologia (Ipepo) e da *Eye Clinic*.

Modernas cirurgias de catarata e doação de óculos se intensificaram pela atuação de parceiros como *Johnson & Johnson*, Lupas Leitor, *Allegran*, *Latinofarma* e *Eye Pharma*.

Ao mesmo tempo, a Marinha do Brasil - 9 Distrito Naval começou a atuar no projeto por





intermédio da Sociedade Amigos da Marinha (Soamar). A parceria trouxe ainda mais segurança e mobilidade para as expedições que desafiam as calhas dos rios amazônicos.

Municípios das calhas do Baixo e Médio Amazonas já foram atendidos por mais de uma vez, num total de 11: Itacoatiara, Silves, Itapiranga, São Sebastião do Uatumã, Urucará, Parintins, Nhamundá, Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Maués e Urucurituba. Na região do Médio Solimões, foram oferecidos por mais de uma vez atendimentos nos municípios de Coari e Tefé. Já na calha do Alto Solimões, o atendimento ocorreu nas cidades de Tabatinga, Benjamin Constant, Atalaia do Norte, São Paulo de Olivença, Amaturá e Santo Antônio do Içá.

Nos últimos dois anos, a Ufam qualificou o Projeto Amazônico como um programa de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão (Proext). Além de prestar assistência à população do interior, a ação permite que sejam coletadas informações para subsidiar publicações científicas.

Municípios

Humaitá

Antes chamada de “São Francisco do Rio Madeira” e subordinada ao município de Manicoré, Humaitá ganhou a denominação de cidade pela Lei Estadual nº 90, de 4 de outubro de 1894.

O topônimo Humaitá é de origem indígena e seu significado é: “Hu” = negro, “ma” = agora e “itá” = pedra = a pedra agora é negra. O gentílico usado para chamar quem nasce nesse município é humaitaense.

Localizada na calha do rio Madeira, mais ao sul do Amazonas, a cidade tem área territorial superior a 33 mil km² e população estimada em mais de 54 mil habitantes, de acordo com o último censo do IBGE, realizado em 2018. Seu atual prefeito é Herovâneo Vieira de Oliveira.

Manicoré

Em 1637, a expedição de Pedro Teixeira chegou ao lugar. Depois de receber os nomes de freguesia, povoado e vila, finalmente tornou-se cidade, no ano de 1896.

Com área total de 48.282,7 km², o município abriga uma população de aproximadamente 55 mil pessoas, conforme o censo 2018 (IBGE). Seus habitantes são chamados de manicoreenses e o atual prefeito da cidade é Manuel Sebastião Pimentel de Medeiros.

Manicoré é um município do *Parque Nacional dos Campos Amazônicos*, criado em 2006 com mais de 960 hectares localizados entre os estados do Amazonas, Mato Grosso e Rondônia. O Parque visa a preservar ecossistemas naturais e espécies endêmicas, além de proteger o principal enclave de cerrado na Amazônia, limitando o avanço da fronteira agrícola na região.



Calha do Rio Madeira

3ª parada

4ª parada

5ª parada

Novo Aripuanã

Distante 227 km de Manaus, Novo Aripuanã tem população de mais de 25 mil aripuanenses numa área superior a 40 mil km², ostentando uma das maiores extensões territoriais do Brasil.

A cidade foi criada em 19 de dezembro de 1955, a partir de territórios desmembrados das vizinhas Borba e Manicoré. De acordo com os registros da expedição de Pedro Teixeira, de 1637, seu território era habitado por índios Turá, Baré, Mura, Urupá e Arara, entre outros.

Ao lado de Manicoré, outro município da mesorregião Sul do Amazonas, Novo Aripuanã está inserido no *Parque Nacional dos Campos Amazônicos*, criado em 2006 com o objetivo de proteger os campos naturais e a vasta biodiversidade de espécies endêmicas.

Borba

Essa foi a primeira vila criada no Amazonas, tendo se originado da Aldeia do Trocano e fundada em 1728 pelo frei João Sampaio, da Companhia de Jesus. Ainda em 1785, já se cultivava café e tabaco em Borba. Foi elevada à categoria de Vila em 1833 e se tornou cidade somente em 1928.

Com população estimada em mais de 40 mil habitantes, segundo o último censo do IBGE, de 2018, seu território se estende para além de 44 mil km da mesorregião sul do estado. A cidade fica a 181 km de distância da capital amazonense.

Seus naturais usam o gentílico borbense e o prefeito municipal é Simão Peixoto Lima.

Nova Olinda do Norte

Os mais de 35 mil olindenses vivem num município com território de 5.608 mil km², o que faz de Nova Olinda do Norte o 19º município mais populoso do estado. Antes da colonização, a região era habitada por índios das etnias Turá, Mura, Mundurucu e outros.

O nome da cidade originou-se de Olinda, denominação da propriedade de Fulgêncio Rodrigues Magno, e da expressão do Norte, acrescentada pelo governador do Amazonas à época, Plínio Ramos Coelho, ao criar o município.

Nova Olinda do Norte está situada a 35 km a Sul-Leste de Autazes, maior cidade dos arredores, e fica a cerca de 130 km de distância de Manaus. Seu atual prefeito é Adenilson Lima Reis.

Realização



UFAM



Professor Sylvio Mário Puga

Reitor

Esse é um projeto muito importante para a Ufam na medida em que ele vai ao encontro dos anseios das populações amazônicas tradicionais que residem nas nossas calhas de rios. No nosso caso específico, nós atendemos ribeirinhos, indígenas, enfim, as populações que estão nas sedes municipais e que tanto demandam a prestação de serviço, no caso, o oftalmológico.

Para tanto, a Universidade não trabalha de forma isolada, mas, ao contrário, busca parcerias profícuas, a exemplo da firmada com a Marinha do Brasil, que disponibilizou um navio-hospital como suporte logístico para a atividade, e com a Universidade Federal de São Paulo, que trouxe um renomado corpo de professores na área de medicina oftalmológica para atuarem ao nosso lado. Então, isso é uma prova fundamental de que a nossa Instituição vai avançar em projetos coletivos sempre, e pelos quais podemos alavancar o atendimento à população amazônida.

Eu fui pró-reitor de extensão da Universidade entre 2001 e 2005 e, naquele momento, que não era tão diferente do atual, a Ufam já preconizava um conjunto de ações voltadas ao interior do nosso estado. Em especial esse projeto, que é liderado pelo nosso vice-reitor há muitos anos, ele vem exatamente nesta direção, qual seja a de levar ações voltadas ao nosso público no interior do Amazonas. Portanto, eu penso que, quanto mais nós fizermos por essa população, mais nós estaremos enraizando o nome da Universidade e o relevante papel social dela junto aos nossos municípios e junto às nossas populações tradicionais.

Sem dúvida, projetos dessa natureza são absolutamente estratégicos para a Universidade.





Professor Ricardo Bessa

Pró-Reitor de Extensão

Este projeto se reveste de alta relevância social e econômica, inclusive porque uma cirurgia dessas custa uma fortuna se feita com médicos particulares, enquanto os médicos da Unifesp, por exemplo, renomados e internacionalmente reconhecidos, com clínicas em São Paulo, vêm e realizam os procedimentos de forma totalmente gratuita.



São pessoas abnegadas, que ajudam a nossa população mais carente. São pessoas dotadas de sensibilidade social e solidariedade, pois assumem um compromisso social relevante. Eu cito o professor Rubens Belfort como exemplo. Ele é um dos melhores do mundo nessa área.

Eles vêm para cá por articulação e competência do nosso ilustre vice-reitor Jacob Cohen, que também é um renomado oftalmologista e coordena o projeto. Ele é fundamental nesse processo porque, além de coordenar, orienta os alunos dele.

O trabalho inicia com a definição do local onde a população terá o privilégio de receber essas ações. Os alunos da Ufam, da cadeira de Oftalmologia, realizam a triagem dos pacientes. Como são estudantes finalistas, eles já estão preparados para isso. Com as prefeituras e os secretários de saúde, esses discentes levantam a demanda e as necessidades específicas dos candidatos às cirurgias.

O nosso Brasil tem jeito, e para gente ter certeza disso é só olhar esse projeto. As pessoas da Oftalmologia estão fazendo a parte delas. Meu desejo é ver todas as áreas da nossa Ufam assumindo compromissos como este com as comunidades, porque nós podemos ajudar este País e este estado. Nós temos o capital humano, e isso é o mais importante.

O projeto Oftalmologia Humanitária é uma via de mão dupla, porque os nossos alunos vão ensinar, mas também vão aprender. Ensinar com o conhecimento teórico que adquiriram em sala, e aprender a prática científica, com o método e com a preceptoria dos seus professores especializados. O aprendizado é fantástico. Além disso, eles conhecem mais de perto a realidade amazônica, e isso é fundamental. Essa é uma oportunidade ímpar de trocar experiências e crescer como cidadãos e profissionais.



Professor Jacob Moysés Cohen

Coordenador do projeto pela Ufam

Tive a honra de iniciar esse trabalho na década de 1980, depois de constatar a insuficiência de ações na área da saúde para a população mais carente e distante da capital. A diferença é enorme em termos de alcance da assistência médica, e é por isso que eu acredito num futuro brilhante para este projeto. Também não é por acaso que, a cada edição, a gente percebe que mais e mais pessoas querem colaborar conosco.

A catarata é a principal causa de cegueira na terceira idade e deveria ser operada quando o paciente já começa a sentir dificuldades de fazer atividades rotineiras. Mas a realidade é outra. Nós operamos cataratas de 8 a 10 anos de evolução, duras de extrair. Estamos fazendo a nossa parte, a Ufam está liderando esse processo, por meio da Proext, e nós esperamos que outras instituições olhem com mais carinho para essa população.

Especificamente em relação às doenças oculares, o principal fator é a incidência de luz solar. Essas pessoas trabalham de sol a sol, e o aparecimento da catarata é muito mais precoce. É uma condição mesológica e ambiental incidindo na precocidade do aparecimento da doença, sendo comum ver pessoas de até 40 anos com catarata.

Hoje, temos capacidade de fazer cerca de 500 cirurgias e de doar cinco mil óculos em cada expedição. O planejamento é feito com antecedência, e só conseguimos ter sucesso nesse trabalho – que é totalmente gratuito – porque temos a ajuda dos nossos parceiros.

Os especialistas vêm de São Paulo realizar uma maratona de cirurgias usando alta tecnologia. Eles aceitaram o desafio de olhar para esta realidade e compreender o tamanho do problema que é levar saúde de qualidade para o interior do Amazonas. Além disso, um dos diferenciais é que o nosso projeto tem o pré-operatório, feito com a colaboração da residência médica, e o pós-operatório, a partir do sétimo dia depois da cirurgia. O atendimento ao paciente é integral.

O meu desejo é transformar tudo isso num hospital flutuante, e já tenho um projeto pronto, só demanda de três a quatro milhões de reais. Seria um hospital itinerante sobre uma balsa, passando por todas as calhas dos rios com uma equipe técnica formada por oftalmologistas, enfermeiros, técnicos, auxiliares e residentes, porque eles que têm um papel fundamental num projeto como esse. Esse é o futuro, e eu espero que Deus me dê ainda tempo de vida suficiente para continuar tentando melhorar a qualidade do trabalho e deixar esse legado.





Extensão e Pesquisa

A Universidade Federal do Amazonas toma esse projeto como uma atividade de extensão e, no bojo da assistência, nasceu uma via de mão dupla, porque nós fazemos pesquisa em função de saber causas importantes de cegueira que conduzem ao adoecimento da população.

Alguns projetos já foram feitos em parceria com o Departamento de Oftalmologia da Escola Paulista de Medicina, liderada pelos professores Rubens Belfort e Walton Nosé, muitos desses trabalhos com a pesquisa de mansonelose e micro-filariose no Médio Solimões.

Um desses foi chamado de projeto Bares (Brazilian Amazon Region Eye Survey) em alusão ao nome da etnia indígena *Baré*. Já foram produzidos muitos *papers* e muitos artigos internacionais.

Além disso, estamos com outros trabalhos aqui, inclusive iniciando agora, com o doutor Ricardo Nosé, filho do professor Walton. Ele está trazendo um projeto inovador para avaliar causas do pterígio, buscando compreender, por exemplo, se existe uma ligação entre a doença, o ressecamento dos olhos e a forte incidência de luz solar.



Sucesso

Vocês não imaginam a diferença que é operar a catarata no momento certo, de um paciente que pode ir ao médico na fase inicial da doença e pouco comprometimento da visão. Só que, no interior, há lugares onde as pessoas têm 8, 10, 12, até 15 anos convivendo com uma catarata, que nada mais é do que a opacidade da lente natural que nós temos dentro do olho, chamada de "cristalino". E ela vai se opacificando como se a pessoa estivesse vivendo através de uma catarata, uma queda d'água que embaça a visão. Esse é o porquê do nome.

A catarata evolui e aumenta de tamanho, podendo se agravar conforme a existência de outras doenças, como glaucoma ou processos inflamatórios. A maioria das cirurgias é desafiadora... Eu sei que, nas mãos de pessoas sem a experiência destes profissionais, certamente boa parte dos procedimentos não teria tido o êxito que tivemos.

Sem dúvida, é necessária muita sabedoria para transformar uma cirurgia de difícil manuseio num sucesso total. A maioria dos projetos têm 99% de resultados positivos, e esse percentual é maior até do que em grandes serviços de oftalmologia.



Homenagem

Associação Brasileira de Catarata e Cirurgia Refrativa

O professor Jacob Moysés Cohen recebeu, no dia 29 de maio de 2019, homenagem da Associação Brasileira de Catarata e Cirurgia Refrativa (ABCCR) no 10º Congresso Brasileiro de Catarata e Cirurgia Refrativa (BRASCRS-2019), em Brasília-DF.

O troféu BRASCRS é dedicado a personalidades que se destacaram na promoção da oftalmologia humanitária, e foi entregue ao professor Cohen pelo Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, pela deputada federal e líder da Frente Parlamentar pela Medicina, Mariana Carvalho, e pelo 1º Secretário da ABCCR/BRASCRS, Ricardo Nosé.

Segundo o homenageado, o Projeto é sensível às diferenças na assistência oftalmológica no Amazonas e, além de melhorar a qualidade de vida da população, traz de volta ao convívio social pessoas que estavam praticamente exiladas em decorrência da catarata ou do pterígio e por não terem condições de realizar o procedimento cirúrgico.

O papel da Universidade é aproximar, cada vez mais, a sociedade, razão pela qual institucionalizou o projeto e intensificou importantes parcerias. O objetivo é fortalecer a missão humanitária promovida há mais de 30 anos pelo interior do Amazonas e que já realizou mais de 10 mil cirurgias.



Lideranças



Oftalmologista Walton Nosé

Há muitos anos eu já participo de projetos assim. A minha primeira experiência foi durante a graduação, quando participei do Projeto Rondon. Mais tarde, já na subespecialidade, eu pude ir ao Oiapoque, na fronteira com a Guiana Francesa, onde a equipe atendeu muitos índios.

Alguns anos depois, em 1988 e 1989, iniciamos um projeto em Parintins, para onde viajamos diversas vezes e fizemos cirurgias de catarata no

projeto de mesmo nome. Desde então, o doutor Rubens Belfort idealizou a inclusão de instituições como a Escola Paulista, o Ipepo, a Federal do Amazonas e a Fundação Piedade. Foi aí que o projeto cresceu bastante e hoje tem a colaboração da Marinha, do Exército e tudo isso fez crescer a quantidade de atendimentos.

Mais recentemente, há uns anos, entrou a parte de doação de óculos para visão de perto com a Lupas Leitor, além dos laboratórios, que ajudam muito. A gente tem uma boa relação com os laboratórios especializados em oftalmologia, e cada vez um deles patrocina a iniciativa. Desta vez, são vários – seja na área cirúrgica ou na área clínica – que doam medicamentos, colírios e insumos em geral para as cirurgias. Então, acho que o projeto está excelente e com grandes possibilidades de se fazer mais de uma vez por ano.

Nesse longo percurso, tive a oportunidade de conhecer muitas histórias interessantes. Certa vez, fomos a um município do Baixo Amazonas partindo de Parintins, há uns dez anos. Eu tinha operado uma menina, que deveria ter uns três anos de idade, e, filmei no meu celular. Dois anos depois, voltamos para fazer a campanha do projeto e ela ainda estava com a catarata do outro olho não operado.

Eu mesmo fui operá-la e, no pós-operatório, mostrei o vídeo dela na primeira cirurgia. Ela riu muito do quanto era pequena, junto da mãe...

É uma coisa muito gratificante, é muito bom poder ajudar. O projeto é sem fins lucrativos, a gente vem porque quer, deixa a família, deixa o trabalho e todas as condições para fazer algo de que a gente gosta muito, que é ajudar a população fazendo o que nós sabemos.

Aqui é uma oportunidade ímpar de aprendizado para os residentes, por exemplo. Qual que é a ideia? É transmitir a eles um conhecimento diferente com o objetivo de envolver esses colegas em projetos parecidos ou até maiores no futuro. Então, passar um tempo com eles, operando, é muito bom. A troca de opiniões e técnicas é muito boa.

Outro ponto interessante é que aqui nós vemos casos diferentes dos que costumamos encontrar em clínica geral. São casos mais complexos e, muitas vezes, com doenças associadas. Aqui é grande a incidência de pterígio, muito mais do que na região Sul do País, e um dos fatores para isso é a forte radiação ultravioleta. Então, nós vemos coisas fora do habitual e todos nós sempre acabamos aprendendo muito. É um aprendizado constante e é inspirador.





Oftalmologista Rubens Belfort

Eu vim a Humaitá no ano passado e fiquei realmente impressionado com esta cidade. Eu gostei porque é o lugar de um empreendedorismo que não se vê em outros do Amazonas. Quando surgiu a oportunidade de realizar o serviço aqui, eu fiquei muito feliz. É bom estar de volta.

Em particular, para a questão da catarata e das lentes para perto, o trabalho é voltado para as pessoas acima dos 40 ou 50 anos... Os equipamentos que usamos aqui são de primeiro mundo e o doutor Walton Nosé representa o tipo de cirurgião que trouxemos para cá - dos melhores do mundo. Em

nenhum lugar do Brasil você vai encontrar cirurgião mais qualificado, ou uma tecnologia superior àquela que usamos nestas cirurgias.

O projeto tem o diferencial de juntar o empreendedorismo, a excelência cirúrgica inédita da equipe médica, o apoio das universidades públicas, de instituições privadas e da indústria, e principalmente – e o mais fundamental: o apoio da sociedade. Por outro lado, o papel das pessoas é exigir mais investimento na saúde, que ainda deixa muito a desejar no interior, a despeito do trabalho fantástico iniciado pelo professor Jacob Cohen e equipe.

Falando sobre transformações na vida das pessoas, eu nunca vou me esquecer do depoimento de uma técnica de enfermagem, noutra município amazonense. Um dia depois de ter recebido óculos pelo projeto, ela disse: *“Foi tão bom ganhar óculos novos. Há tanto tempo que eu não conseguia dar injeção enxergando a veia”*. Foi gratificante ouvir de uma professora outro agradecimento inusitado: *“É maravilhoso poder voltar a ler a lição de casa dos meus alunos”*.

Sem dúvida, a saúde é extremamente complexa de se tratar nesses locais, mas missões assim são importantes, inclusive para ir mudando o comportamento das pessoas em relação a essas carências, olhar o próximo e tratar com respeito e cuidado, vir aqui e fazer alguma diferença.





Secretário de Saúde de Humaitá – Cleomar Scandolara

Quando tivemos a confirmação de que Humaitá e mais quatro municípios da calha do Madeira receberiam a missão Oftalmologia Humanitária em 2019, ficamos muito satisfeitos com essa notícia, mais ainda pelo fato de desafogar a demanda nessa especialidade, que é muito alta.

Acabamos tendo o papel central de receber pessoas de outros municípios e de comunidades que vêm fazer seus tratamentos de saúde. Infelizmente, nossa estrutura não comporta.

Sem dúvida, a iniciativa veio em excelente momento, para trazer mais qualidade de vida a essa população. A maioria das pessoas não tem condições de fazer uma cirurgia desse porte, porque é algo em torno de quatro mil reais cada; se forem os dois olhos, ficam oito mil reais. Pelo projeto, a cirurgia ficou de graça. Eu sempre digo: *“A visão é tudo na vida de alguém, é como uma porta que se abre para melhorar todo o resto. A pessoa ganha independência”*.

Quando soubemos que Humaitá seria beneficiada pelo projeto, demos início aos preparativos: triamos os pacientes conforme as necessidades – cirurgia de catarata e pterígio, óculos para perto, consultas ou exames oftalmológicos. E a comunidade recebeu a notícia com felicidade e expectativa. Hoje, nós estamos tendo atendimento de ponta, feito com os equipamentos mais avançados



e pelos profissionais mais qualificados do País, e tudo isso aqui na nossa cidade.

Foi uma honra fazer parte dessa missão em abril de 2019, cedendo o espaço do Hospital Geral Doutora Luiza da Conceição Fernandes (especificamente o centro cirúrgico) para a realização de 118 procedimentos, sendo 108 de catarata e 10 de pterígio.

Já fazemos o serviço de atenção básica, que é de fato o nosso papel, mas também oferecemos a média complexidade, com uma equipe formada por cirurgiões, obstetras e anestesistas, embora saibamos que a demanda daqui já é grande e acaba se intensificando pela carência de outros municípios e ou mesmo de comunidades distantes localizadas mais ao Sul do Amazonas.

Equipe Médica



Oftalmologista Marcos Cohen

Fundapi

Eu já faço parte do projeto há aproximadamente dez anos, e venho realizando cirurgias praticamente no Amazonas inteiro. Passamos pelo Alto Solimões, Médio Amazonas e agora pelo Madeira. Nós percorremos o interior e verificamos as cidades onde existe maior necessidade de cirurgias de catarata, dividindo a atuação por zonas.

Entendemos que o grande problema está na grande desigualdade, que precisa ser olhada com mais carinho. Se existem aproximadamente 200

oftalmologistas em Manaus, o interior é atendido por apenas três especialistas, que são itinerantes, embora a população seja similar, com cerca de dois milhões de pessoas na capital e outros dois milhões nos outros municípios.

Quando temos a oportunidade de retornar a esses lugares, constatamos que a qualidade de vida das pessoas realmente muda, elas se tornam mais úteis, não dependem tanto dos seus filhos e voltam a ser economicamente ativas. Até os mais idosos, que antes não podiam nem ir ao banco receber a aposentadoria, agora vão com o maior orgulho. No fim das contas, existe uma transformação de cunho social e econômico que ajuda e favorece toda a base familiar do paciente.

As cirurgias aqui são muito diferentes do que nós somos acostumados a ver no Sul do País e nos centros urbanos, por exemplo, onde as cataratas são operadas mais precocemente. O grau de complexidade dos procedimentos é muito mais elevado e a dificuldade é ainda maior.

O aprendizado é enorme: além de ser uma experiência de vida marcante, você poder ajudar uma pessoa de 70, 80 anos a voltar a enxergar. É imensamente gratificante, o que faz com que sempre queiramos retornar e fiquemos motivados a dar continuidade a esse projeto.



Oftalmologista Ricardo Nosé

Escola Paulista de Medicina e Eye Clinic

A primeira vez que eu vim à Amazônia pelo projeto foi em 2010. Desde então, tem quase dez anos que eu participo dessa atividade com o doutor Jacob, o doutor Walton, o doutor Rubens e o doutor Marcos Cohen. A minha função aqui é operar. Eu sou cirurgião oftalmológico, e nós fazemos tanto as cirurgias de catarata como as cirurgias de pterígio.

A tecnologia que nós utilizamos aqui é a mesma empregada nos melhores centros de oftalmologia do Brasil e do mundo. Então, os equipamentos e

as lentes intraoculares são importados, utilizados mundialmente e de última geração. Tudo o que os pacientes recebem aqui de tratamento é igual ao que é proporcionado nos melhores hospitais da área. Além disso, todos os médicos vieram voluntariamente com a missão de ajudar estas pessoas.

Nós já realizamos milhares de cirurgias, e todas elas, graças a Deus, têm sido um sucesso. Então, todas as expedições de que eu participei tiveram resultados excelentes tanto com a população quanto do ponto de vista técnico. Nós ficamos muito felizes por empregar as tecnologias mais modernas em benefício dos nossos pacientes.

A mensagem mais importante é que a população tem que saber que o nosso objetivo, ao atuar de forma voluntária, é o de ajudar. Viajamos muitas horas de São Paulo até Humaitá, tivemos pequenos imprevistos durante o percurso, mas nada comparado ao fato de saber que estas pessoas se beneficiam dos melhores insumos e materiais e da *expertise* de cirurgiões altamente qualificados, com extrema vivência na realização da cirurgia de catarata.

Nós sabemos que as pessoas daqui não são completamente assistidas e, muitas vezes, ficam na fila para fazer uma cirurgia de catarata durante muito tempo, de modo que ficamos gratos e muito satisfeitos em poder ajudar quem realmente precisa.



Oftalmologista Bárbara Clemente

Ipepo

Estou muito honrada de estar aqui pela primeira vez, porque este é um projeto muito lindo, que ajuda muitas pessoas. Então, a minha expectativa é poder auxiliar de alguma forma a trazer a visão e uma melhor qualidade de vida aos pacientes que têm pouca assistência. Eu fiz a subespecialização em cirurgia de catarata, então, estou na minha área aqui e fico muito satisfeita de poder contribuir com este trabalho humanitário.



Eu já participei de projetos nos mesmos moldes que este no interior do Mato Grosso, mas, obviamente, bem menores, sem tanto suporte, sem tantas cirurgias e ações envolvidas. Estou surpresa pela complexidade desse trabalho, com as expedições ao interior do Amazonas.

Também já estive na Índia, numa atividade de oftalmologia humanitária, onde fizemos atendimento de populações desassistidas, sem condições de ter acesso à saúde ocular. Lá, nós também realizamos cirurgias, mas este é, sem dúvida, o maior projeto do qual eu tenho a oportunidade de participar.

Em geral, são casos mais difíceis, cataratas mais avançadas, que demandam mais tempo, material mais elaborado e uma técnica que exige bastante atenção do médico. Estamos diante de casos difíceis, mas todos aqui são referências nacionais e alguns até internacionais na Oftalmologia. Os pacientes realmente estão bem assessorados.



Oftalmologista Fernando Drudi

Ipepo

Esta é a terceira vez que eu participo. Das outras duas vezes foi excelente, as cirurgias foram bem-sucedidas e os pacientes ficaram muito contentes com o resultado.

Nosso trabalho começa com a montagem dos equipamentos, a estruturação do centro cirúrgico e a preparação dos pacientes para o procedimento. Tudo muito bem planejado para dar tempo de fazer aproximadamente 400 cirurgias, das quais 120 na cidade de Humaitá. A estrutura tem salas



com três equipamentos, o que possibilita operar três pacientes por vez.

Além da experiência dos cirurgiões, o material usado são os equipamentos mais modernos que existem no mercado, como os microscópios e as lentes dobráveis. Nós temos à disposição a melhor tecnologia que existe para a cirurgia de catarata.

Os casos mais encontrados aqui são as cataratas muito desenvolvidas, densas e duras. Ainda tem a formação dos olhos dos pacientes, que são

pequenos, e isso dificulta a técnica cirúrgica. Claro que não impossibilita, mas dificulta, de forma que as cirurgias são feitas com mais cuidado, com o uso de insumos especiais, tudo para garantir a resposta ideal.

Os resultados têm sido maravilhosos. Pacientes que, às vezes, chegam a até nós sem conseguir enxergar e já saem enxergando. Num momento posterior à cirurgia, essas pessoas voltam para suas atividades, para a vida cotidiana que tinham deixado de lado por conta da catarata.



Oftalmologista Lincoln Freitas

Unifesp e Ipepo

Eu já venho participando há várias edições. Numa primeira oportunidade em que eu vim, nós operamos catarata dos índios do Xingu, e continuamos atuando em diversas missões.

A Amazônia está numa região em que a radiação ultravioleta é muito grande, e o paciente não se protege a vida inteira, o que acaba ocasionando uma catarata precoce e bastante avançada. Por exemplo, aqui ele já tem aos 50 anos uma catarata que o paciente do Sul teria aos 75, 80.

Existem ainda as complicações dos casos, como outras doenças oculares associadas, que acabam



dificultando a cirurgia da catarata em si. Para nós, é um aprendizado, porque são casos geralmente mais complexos. A catarata rotineira requer um tipo de cirurgia, mas a catarata que tem complicações associadas exige outro planejamento.

A vantagem é que todos os voluntários são cirurgiões experientes, caso contrário, talvez as intervenções demorassem mais ou ocorressem complicações. Mas conseguimos associar, aqui, tecnologia ótima e cirurgiões experientes, uma combinação muito boa. No meu caso, sou formado há 32 anos, e eu faço quase que exclusivamente catarata há 26, 27 anos.

Existem localidades em que o paciente já está com sete ou oito anos praticamente sem enxergar e altamente dependente dos familiares. Isso provoca uma perda econômica muito grande, porque é alguém que não trabalha e que ainda absorve várias pessoas em volta.

Como o projeto é executado anualmente, buscamos fazer em cidades diferentes. O estado do Amazonas tem 62 municípios, e eu acredito que, nos últimos cinco anos – de 2015 até agora – já fizemos 21 municípios. Repetimos talvez dois, mas o ideal mesmo é não repetir.

Os residentes de Oftalmologia da Ufam vêm ao local umas três semanas antes das cirurgias propriamente ditas, quando são feitas a divulgação do projeto e uma primeira triagem. Quando chegamos, fazemos uma nova seleção dos pacientes com indicação cirúrgica, realizamos os exames e eles são operados no mesmo dia.

Operamos com três microscópios cirúrgicos, o que garante atendimento de 120 pacientes em Humaitá com folga. Depois de 14 horas de viagem até Manicoré, são mais 100 cirurgias. O trabalho é intenso, mas o resultado é muito recompensador para nós e para a população.



Anestesiologista Gustavo Saraiva

lpepo

Eu trabalho com Oftalmologia desde o início da minha formação como anestesista, atuando numa realidade SUS em São Paulo, mas esta é a minha primeira experiência no Projeto Amazônico. Só tenho a agradecer pela oportunidade e pela recepção muito carinhosa de todos. Já estamos muito animados para a próxima expedição.

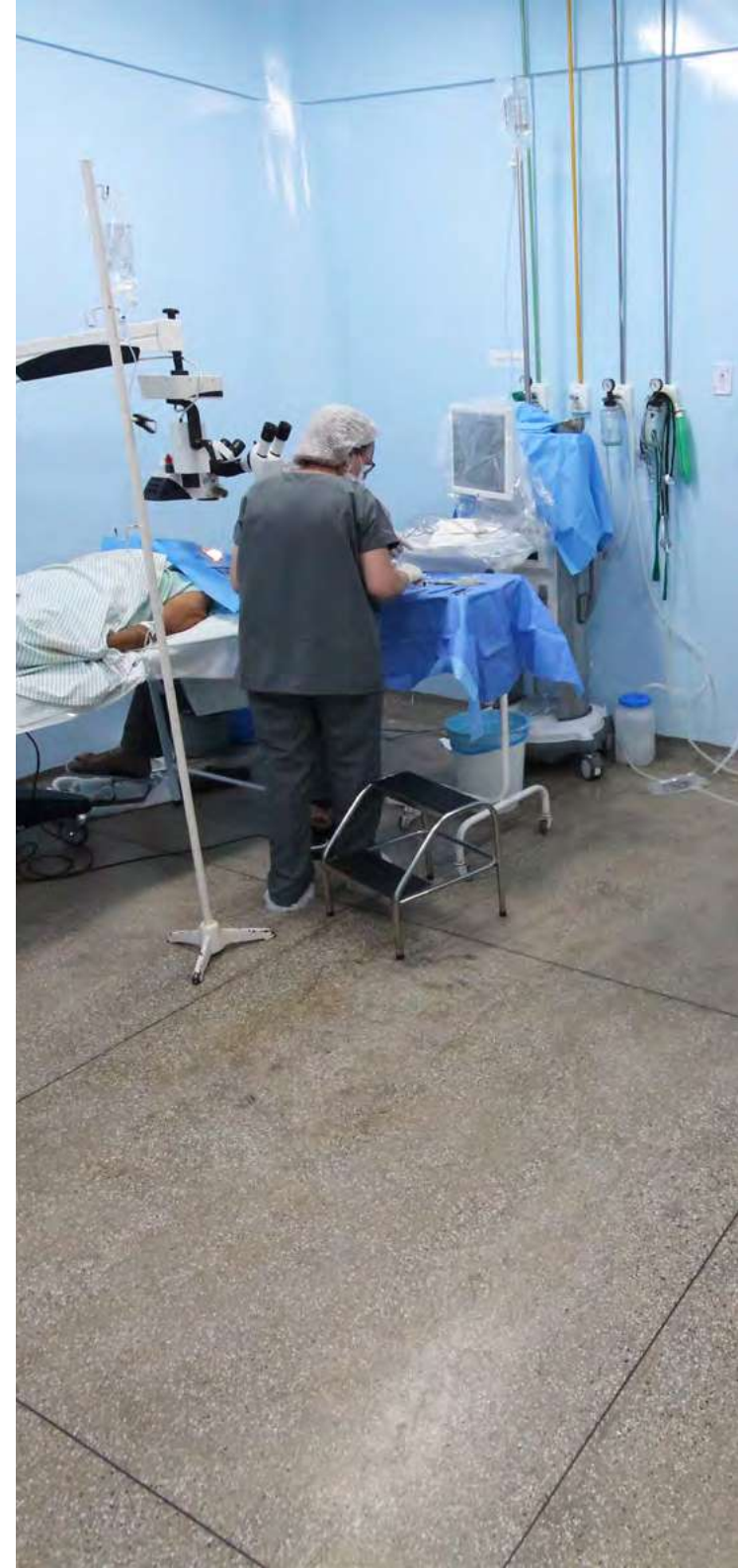
Somos dois anestesistas e viemos para auxiliar na dinâmica das cirurgias de cataratas. Fazemos as anestésias tópicas, que são aplicações do colírio anestésico e dilatação da pupila. Essa dilatação ajuda muito para que os cirurgiões possam operar com segurança e tranquilidade.

Em alguns casos, quando as cataratas são muito duras – ou então quando há uma maior dificuldade no pré-operatório – os cirurgiões já fazem essa triagem e conseguem indicar para nós fazermos o procedimento chamado *bloqueio oftalmológico*. É uma técnica em que você consegue fazer a injeção de um anestésico local com a medicação para bloquear toda a parte sensitiva e motora do olho. Nós fazemos uma punção no “espaço peribulbar” – ou eventualmente em outro local, onde colocamos um anestésico local em quantidade relativamente pequena. O olho do paciente fica paralisado e, assim, ele não sente dor durante a cirurgia e tem um conforto positivo no pós-operatório.

Eu estou impressionado positivamente. Temos carrinho de anestesia muito bom e medicações de ótima qualidade. Estamos bem felizes em relação aos equipamentos e à equipe de enfermagem, todos excelentes, tanto em termos de conhecimento quanto pela solicitude.

A quantidade de cirurgias exige muita dedicação de todos num período bem intenso, mas damos conta do recado sim, porque é um prazer enorme poder contribuir.

Por mais que as pessoas achem que nós trazemos muito benefício, com certeza eles irão trazer muito aprendizado pra gente... Isto aqui é uma troca. O benefício é imediato, porque a catarata é uma cirurgia na qual você consegue um resultado cirúrgico rápido, o que nos deixa muito satisfeitos





Anestesiologista Lenilson Filho

Ipepo

Esta é a minha primeira expedição para o interior do Amazonas. Eu já queria ter vindo antes, mas é uma alegria estar aqui desta vez. A experiência de você ajudar num time completo para recuperar a visão das pessoas é muitíssimo agradável. A gente vem pra participar com toda a força, com toda boa vontade e amor ao próximo. A vida é uma troca, e nós viemos aqui para trocar, trocar amor, trocar técnica, trocar medicina...

A saúde ocular é fundamental, e nós sabemos que é uma população que necessita, porque as especialidades, como a Oftalmologia, elas estão

muito restritas aos grandes centros e às capitais. A expectativa é a melhor possível, de a gente conseguir participar como médico anestesista com os colegas, todos unidos com a mesma vontade de fazer o melhor e ajudar as pessoas a terem mais de saúde visual.

Somos dois anestesistas para atender três cirurgias ao mesmo tempo, em três mesas cirúrgicas, porque a maioria dos procedimentos é feita com anestesia local com colírio. O trabalho é aplicar a anestesia e dilatar a “menina dos olhos” dos pacientes, preparando-os para a cirurgia. Essa região precisa ficar bastante flexível. Quando as cirurgias são mais difíceis, com cataratas são mais duras e maior sensibilidade, usamos uma agulhinha ao lado do olho.

O anestesista garante a tranquilidade e a imobilidade do paciente, já que o aparelho que extrai a catarata é inserido no olho, e garante o conforto para que a pessoa não sinta dor.

Eu já tive outras oportunidades de fazer esse tipo de trabalho em São Paulo, com pacientes do SUS ou de projetos como o *Rotary Clube*. Só de atuação na Oftalmologia eu tenho 12 anos de experiência; de anestesia, no geral, são 34 anos. Quanto mais experiência, melhor. Juntando com informação, é possível fazer os procedimentos com muito mais segurança e acerto.

Equipamentos, insumos e lentes: tecnologia do pré ao pós-operatório



Engenheiro Márcio Messias

Johnson & Johnson

A Johnson & Johnson abraçou esse projeto por entender que é um modo de ajudar as pessoas menos assistidas na área da oftalmologia. É a nossa primeira vez no projeto acompanhando a expedição e fornecendo todo o suporte para que os médicos realizem as cirurgias. Esperamos que esta seja a primeira de muitas edições em parceria.

A empresa está fornecendo todo o aparato de equipamentos, de lentes intraoculares e de insumos cirúrgicos para que os médicos possam fazer

os exames necessários naquelas pessoas que precisam de cirurgia, possibilitando que elas saiam daqui muito satisfeitas.

Trouxemos dois facoemulsificadores – hoje o aparelho mais moderno para a cirurgia de catarata – e dois microscópios, também usados durante o procedimento cirúrgico.

O trabalho é intenso, porque são 400 cataratas divididas entre cinco cidades, além das cirurgias de pterígio e o exame de refração (quando se mede a necessidade ocular do paciente).

Na cirurgia de catarata, são feitos os exames pré-operatórios para saber qual é o grau preciso de introdução da lente intraocular. Após realizar esses exames, o médico é capaz de saber qual é a dioptria (unidade de medida de potência equivalente ao inverso da distância focal, calculada em metros) aplicada a cada caso.

A cirurgia de catarata está bem evoluída hoje, muito por conta de um aparato tecnológico de ponta. São realizadas microincisões por onde a lente dobrável é introduzida. A recuperação é muito rápida e, no dia seguinte, dependendo do caso, o paciente já pode enxergar normalmente.





Voltando a enxergar



Maria Nila de Andrade

75 anos

Até me aposentar, eu plantava de tudo, era feijão, arroz, milho e algodão. Eu vim do Paraná, mas já tô aqui em Humaitá tem mais de 30 anos. Primeiro eu fui morar em Cacoal, uma cidade de Rondônia, depois que eu vim pro Amazonas. Eu tenho muita fé que Deus vai me dar uma visão boa. Antes de fazer essa operação, eu pedi muito a ele.

Eu me senti muito bem acolhida, os médicos quase me carregaram no colo. Agora, quando eu me recuperar, eu quero voltar a limpar a minha casa, eu quero trabalhar no sítio, quero pescar. Fazer tudo o que eu não estava mais fazendo.



Francisco Gomes da Silva

78 anos

Antes eu trabalhava como seringueiro e como agricultor lá na comunidade de Boa Vista do Madeira. Mas já tinha 13 anos com perda de visão, por causa de uma catarata que cresceu muito e ficou muito dura (o tipo mais resistente, chamado *Nigra*).

Ela começou um pouco fraquinha, só embaçando a minha vista, mas depois foi piorando, piorando, e foi quando eu resolvi *vim* pra Humaitá. Aqui me ensinaram muitas receitas de remédio caseiro, mas fez foi piorar a minha visão, aí eu tive

que parar de trabalhar em 2014. Vim pra morar com o meu filho, mas não tinha quem me ajudasse a fazer minhas coisas.

Graças a Deus, hoje eu tô saindo daqui com muito alívio no coração, porque eu já consigo ver as coisas melhor. Tô muito contente de poder voltar pra minha casa, em Boa Vista do Madeira. Quando eu chegar lá, vou plantar roça, vou plantar banana. Voltar a fazer o que eu gosto na vida.





Irenita Alves Benício

74 anos

A verdade é que eu sentia muita dor de cabeça e vivia com uma visão embaçada, e isso dificultava muito levar uma normal. Assim que eu fiquei sabendo que ia ter esse mutirão aqui, vim logo procurar saber. Falaram no rádio que “ia ter cirurgia no olho” e eu vim logo ver como era pra poder aproveitar essa oportunidade.

O meu problema de catarata eu acho que resultou de muita fumaça de tanto torrar farinha,

de trabalhar no sol quente, como eu fiz por mais de 25 anos na vida.

Eu percebi que não estava mais enxergando bem tem uns dois anos. Eu vinha sentindo essa coisa na minha vista e a dor de cabeça sempre. Foi aí quando a visão ficou mais embaçada ainda, mas eu nunca cheguei a usar óculos.



Eleide de Souza Silva

70 anos

Fiquei sabendo do projeto através de uma amiga minha, a Carmem, porque ela trabalha aqui no hospital. Aí a minha filha me levou para fazer os exames para essa cirurgia. Eu já tinha operado do olho direito há quatro anos, mas agora eu consigo ver bem com os dois olhos.

Eu passei esse tempo todo pra fazer a cirurgia do segundo olho porque o médico só ia dizendo pra trocar de óculos e a gente não sabia que estava tendo o problema do outro lado, mas já tem mais de dez anos que eu fui diagnosticada com catarata.

Tinha muita dificuldade para enxergar porque eu usava óculos pra perto e longe. Eu já estou sentindo a diferença, muito mesmo. Até falei para o médico ali que agora só falta eu procurar um namorado (*risos*).

Daqui pra frente eu vou continuar fazendo o que eu sempre fiz em casa, mas também quero viajar, quero ler, porque eu gosto bastante de ler, de fazer caça-palavras... Eu só tenho que agradecer essas pessoas aqui e a saúde de Humaitá, que está de parabéns!





Raimundo de Almeida Gomes

78 anos

Acabei de ser operado do meu olho direito e já consigo sentir uma melhora na minha visão. Há cinco anos que eu sentia a vista ruim. Trabalhava na roça e, com o problema, tive que parar. Eu dependia dos meus filhos para ir para algum lugar e da minha esposa, que fazia tudo por mim, até o peixe ela catava para mim.

Agora tudo vai melhorar porque eu vou poder fazer o que eu gostava de fazer antes, como ler a Palavra de Deus. E também fico feliz porque vou voltar a ter mais independência para sair.



Zélia Brissow

70 anos

Eu trabalhava em um posto de saúde na Transamazônica. Trabalhei durante 23 anos. Eu fazia exames de fezes, de mamas, colhia preventivo... Eu tinha uns 54 anos. Eu trabalhava com microscópio e comecei a sentir muita dificuldade de visualizar. Então, eu comecei a usar óculos. Ia trocando eles de ano em ano. Só que agora eu comecei a costurar e tive dificuldade de enxergar longe, pra perto não. Para longe eu sentia que estava difícil.

Eu me aposentei com 60 anos e já comecei a costurar, como um passa tempo mesmo. Mas eu sentia muita dor na nuca costurando. Fiz mais

Fique de olho

Catarata – Uma das principais causas da cegueira, a doença se caracteriza pela perda gradual da transparência da região dos olhos chamada cristalino, a lente natural cuja função é conferir foco da visão em diferentes distâncias. A incidência é maior em pessoas com mais de 45 anos.

Pterígio – Popularmente conhecida como “carne crescida nos olhos”, consiste numa lesão benigna causada pelo crescimento de tecido conjuntivo na área de exposição ocular que avança para a córnea. Normalmente cresce de forma lenta ao longo da vida, embora, nos casos mais graves, progrida até recobrir o eixo visual da pupila e interferir na visão.

exames de vista, o grau foi aumentando e, no ano passado, a menina falou que eu tinha catarata. A oculista falou. Eu fiz exame e ela falou: “ *você vai ter que fazer cirurgia, você tem catarata*”.

A gente não tinha condições de pagar. Minha filha trabalha aqui no hospital e ficou sabendo do mutirão. Assim eu me inscrevi e, graças a Deus, deu tudo certo, com tudo de graça. Eu já estou enxergando. É um pouco embaralhado, mas eu já estou vendo. Eu senti muita alegria depois que eu saí da operação. Estou muito feliz. Daqui pra frente eu vou costurar mais (*risos*).





Lupas Leitor – Alívio para a visão cansada



Ana Jankovsky

Se eu pudesse qualificar os profissionais que participam deste projeto, eu diria que eles são os “tops de linha”, mas eu prefiro dar a eles a alcunha de anjos. A população aqui não tem ideia do gabarito desses professores que estão operando. Eles são todos voluntários, assim como os parceiros, que também vêm por conta própria participar dessa grande ação humanitária. Quem se dispõe a vir, está aqui pela causa, pelas pessoas.

Já entregamos em torno de 50 mil óculos e, todos os anos, nós voltamos para a Amazônia. Nosso único interesse é o caráter social, que é a doação de lentes para perto a quem realmente precisa.

A avaliação é feita a partir de um teste de leitura. Como acontece na prática? Todos os graus estão na mesa e a pessoa vai experimentando as lupas para ver se consegue enxergar os caracteres menores. Se for embaçando, é preciso acrescentar um grau. É tranquilo, rápido e eficiente. Terminado o teste, o paciente preenche as informações requisitadas pelos voluntários da Marinha do Brasil – que também nos ajudam com a distribuição – e recebe a peça adequada.

Com os dados, elaboramos um gráfico das principais necessidades da população atendida e apresentamos aos médicos. Essas informações também servem de parâmetro para a expedição seguinte, e as peças são separadas de acordo com a maior ou menor incidência de cada grau.





Jean Jankovsky



Fomos chamados pelos professores Rubens Belfort e Jacob Cohen e prontamente nos juntamos à causa. A 'Lupas' é uma empresa que importa e comercializa produtos óticos e, de alguma forma, também procuramos participar de ações solidárias. Nesse projeto, anualmente nós entregamos em torno de cinco mil óculos.

A verdade é que a gente não sabia o que fazer até encontrar essas pessoas fantásticas, e hoje estamos muito satisfeitos em participar dessa iniciativa cidadã. Sozinho a agente não faz nada, mas, ao lado de grandes profissionais e de instituições sérias, conseguimos trazer mais esperança para essas pessoas. Eu mesmo já perdi a conta de quantos óculos já foram entregues na Amazônia e no resto do Brasil também.

A perda da visão de perto atinge em torno de 50% da população mundial. O que nós trazemos é uma tecnologia muito acessível, a lupa originária, capaz de solucionar problemas mais simples... Não estamos falando de doenças complexas, mas de coisas que podemos resolver com uma lente.



A visão cansada vai atingir praticamente todas as pessoas acima dos 40 anos, de forma que a idade acaba sendo mais importante do que o ambiente. O problema é o mesmo, só que ele vai atingir umas pessoas mais cedo, dependendo nível de exposição à luz solar.

Em torno de 40 milhões pessoas no Brasil sofrem com a visão cansada, e muitas delas não têm condições de comprar óculos para corrigir o desgaste próprio do cristalino, nossa lente natural.

Parceiros

Marinha do Brasil – presença nos rios da Amazônia



Vice-Almirante Paulo César Colmenero Lopes

Comandante do 9º Distrito Naval da Marinha do Brasil

A Marinha do Brasil apoia o Projeto Amazônico de Oftalmologia Humanitária, no qual instituições como a Universidade Federal do Amazonas, a Universidade Federal de São Paulo, o Instituto Paulista de Estudos e Pesquisas em Oftalmologia, a Lupas Leitor, a Johnson & Johnson, a Fundação Piedade Cohen e a Sociedade Amigos da Marinha de Manaus uniram-se para realizar cerca de 400 cirurgias de catarata, além da doação de óculos em cinco municípios na Calha do Madeira.

Nesta comissão, a Marinha, por meio do Navio de Assistência Hospitalar Soares de Meireles, além de fazer diversos atendimentos básicos de saúde, trabalha na triagem para as cirurgias, na distribuição dos óculos e também no apoio logístico, levando os médicos e equipamentos para os municípios que serão atendidos.

Esta é a terceira vez que integramos esse programa, que é muito importante para a sociedade local, alcançando pessoas que não têm assistência, principalmente em intervenções cirúrgicas.



Capitão de Mar e Guerra Carlos Alberto Pereira Passos

Comandante da Flotilha do Amazonas

Esse projeto já existe há muitos anos, resultado de uma parceria entre diversas empresas e instituições, entre elas a Universidade Federal do Amazonas. A Marinha foi instada a participar nos últimos três anos, prestando apoio logístico, de transporte e, ao mesmo tempo, realizando assistência hospitalar própria.

Nesta expedição, foram realizadas ao menos 400 cirurgias, entre catarata e pterígio; e foram



doados em torno de cinco mil óculos para leitura. Dos serviços oferecidos especificamente pela Marinha, houve atendimentos médico e odontológico, procedimentos de enfermagem, além de exames complementares e imunização no navio.

Falar do que fazemos é falar de nós mesmos... Mas nós ouvimos dos nossos parceiros sobre como a Marinha agregou de forma muito positiva toda a parte de segurança da navegação, de apoio logístico e de *expertise* sobre os rios amazônicos – porque nós conhecemos essa área há mais de 150 anos e reunimos o histórico e as principais necessidades de cada local. Trazer essa experiência para apoiar o projeto Oftalmologia Humanitária ajuda a direcionar o atendimento.

O Comando da Flotilha do Amazonas é uma organização militar da Marinha do Brasil que está subordinada ao Comando do 9º Distrito Naval, com sede em Manaus. Ao todo, existem nove navios, dos quais quatro são de assistência hospitalar. Estes são chamados de NASH (Navio de Assistência Hospitalar) e conhecidos como “Navios da Esperança” pelas pessoas do interior, porque provavelmente é a única oportunidade de atenção à saúde primária que elas têm.



Capitão de Corveta Rafael Figueiredo de Barcelos

Comandante do Navio Soares de Meirelles

A Marinha do Brasil, por intermédio da Flotilha do Amazonas, atua na área da Amazônia já há muito tempo, mais de 150 anos. Especificamente em se tratando de assistência hospitalar, essa história remonta há uns 30 anos.

A *expertise* desenvolvida ao longo desses anos nos permite ter uma excelente penetração em termos de conhecer os rios. O mapeamento das comunidades é outra forma de colaborar com a

logística do projeto de Oftalmologia Humanitária, levando a equipe, transportando o material e efetivamente apoiando no atendimento a bordo (*doação de óculos para perto*).

A primeira parceria foi em 2017, com o Navio de Assistência Hospitalar Carlos Chagas; a segunda foi no ano passado, já com o Soares de Meireles; e, em 2019, este último retorna para apoiar o projeto. Inclusive, esta é primeira vez que eu estou no comando do navio, o que é uma oportunidade de participar desse grande evento.

Estamos muito felizes de apoiar esta atitude tão nobre, que possibilita uma cirurgia que traz a visão daqueles que já não enxergavam mais. Pra quem nasceu enxergando, lidar com a cegueira, mesmo que momentânea, voltar a ver não tem preço. Estar nesse projeto é motivo de muito orgulho, e se coaduna com a missão institucional da Marinha, pois o nosso lema é “*proteger nossas riquezas e cuidar da nossa gente*”. Então, estamos cuidando da nossa gente.

Nós trouxemos todo o material para as cirurgias e os óculos no navio. Quanto aos médicos, uma parte deles subiu o rio no barco da Fundação Piedade Cohen, enquanto a outra parte, que veio de São Paulo, foi conosco. Desde Humaitá, subimos o rio levando o grupo do Sudeste.

Cinco mil óculos para perto



Eluiza Nunes Góes 66 anos

Eu sou costureira tem 40 anos, mas desde os meus 26 anos eu já usava óculos de grau. Fico muito satisfeita de poder trocar os óculos, porque isso vai me ajudar pra poder fazer meus trabalhos diários de costura. Já era pra ter trocado os óculos tem tempo, mas era muito caro. Foi quando eu fiquei sabendo desse projeto, dessas doações de óculos aqui no barco, pelo meu irmão, que já tinha vindo aqui ontem e aprovou o atendimento e o produto.

Kleber Araújo Oliveira 46 anos

Eu soube do Projeto através da Unidade Básica de Saúde (UBS) do Rio Madeira, onde me perguntaram se eu tinha algum interesse em fazer esses exames de vista. Eu nunca tinha usado óculos de grau, mas eu já cheguei a fazer uma operação no olho pra tirar uma carne crescida. Com o passar do tempo, veio uma perda de visão gradativa e eu comecei a sentir dificuldade de fazer leitura. Então, agora eu espero ler com mais facilidade.



Rozaldo de Almeida Sarmento 42 anos

Aqui, a gente tem dificuldade para realizar esse tipo de exame, aí quando tem uma oportunidade desse nível no município, a gente precisa aproveitar mesmo. É bom que todo mundo sabe o quanto é difícil pra comprar óculos aqui no interior, porque o preço fica lá cima. Imagina a alegria de todo mundo aqui em saber que vai fazer o exame e, se tiver algum problema, já vai sair de óculos. Pra mim vai ser ótimo mesmo, porque eu tinha muita dificuldade de ler uma bula de remédio, qualquer letra pequena, mas agora vai melhorar.

Manoel Soares

76 anos



Eu soube dessa ação assim que a equipe médica estava chegando de barco no município, ontem, mas eu deixei pra vir hoje pra não pegar fila grande. Eu comecei a sentir a vista escura quando eu ainda trabalhava numa empresa da área de construção. Uma vez, depois do almoço, foi a primeira vez que eu tive esse escurecimento da visão. De lá para cá, acontece com frequência. Quanto eu fui pra Manaus, uns cinco anos atrás, fiz exame de vista e o médico alertou que eu ia precisar de cirurgia. Eu usava óculos, mas eles já estavam vencidos e eu não conseguia mais ler. Depois do exame, aqui no barco, ficou mais fácil de ler... Antes eu não conseguia porque as letras eram muito miúdas e eu não podia enxergar nadinha.



Rejane de Oliveira França

40 anos



Tô esperando por esses óculos desde a solicitação de exame de vista que eu tinha feito lá no hospital. Eu estava esperando ser chamada pra fazer o exame, e foi quando eu recebi uma ligação e soube que a equipe de médicos vinha pra Humaitá nesses dois dias. Tem quatro anos que eu sinto dificuldade de ler... Eu até estava usando óculos, mas estavam vencidos e eu parei de usar. Ter ganhado óculos novos vai facilitar e muito a minha vida, inclusive porque eu faço costura.

José Freitas de Souza

60 anos



Foi tudo bem no atendimento, graças a Deus. Estou muito feliz de receber meus óculos. Já tinha usado antes, mas quebrou. Eu conseguia enxergar de longe, mas de perto tinha dificuldade. Agora vou poder ler melhor e ter mais qualidade de vida. Vai ajudar no meu trabalho também.





Cláudio Elias da Silva

51 anos

Atualmente, eu uso óculos com grau dois... Até os 45 anos eu enxergava bem, mas há seis anos comecei a ter dificuldade de fazer leituras próximas. Ainda hoje, quando eu faço leitura de uma distância, consigo ler bem. Com certeza, depois desses óculos, eu vou fazer minhas atividades diárias de uma forma melhor, principalmente ler os preços dos produtos.

Sandra Maria de Figueiredo

60 anos

Eu fiquei sabendo na última hora, em um grupo no celular, e vim até aqui. O atendimento foi ótimo, rápido. Desde os 30 anos que eu uso óculos e, há oito meses, eu estava sem os meus. Esse projeto é um benefício que ajuda todo mundo. Agora vou voltar a costurar, fazer crochê. Vai ser bem melhor para mim.





IPEF
instituto da vida
Johnson & Johnson

IPEF
instituto da vida

Johnson & Johnson

Comunidade
H

MARINHA
DO
BRASIL

Equipe Oftalmologia Humanitária 2019

Jacob Moysés Cohen
Coordenador

Rubens Belfort Júnior
Coordenador

Walton Nosé
Cirurgião

Vice-Almirante Paulo César Colmenero Lopes
Comandante do 9º Distrito Naval

Carlos Alberto Passos
Comandante da Flotilha do Amazonas

Rafael Figueiredo de Barcelos
Comandante do Navio de Assistência Hospitalar
Soares de Meirelles

Sérgio Vianna
Presidente SOAMAR

Marcos Jacob Cohen
Cirurgião

Ricardo Nosé
Cirurgião

Bárbara Clemente
Cirurgiã

Fernando Drudi
Cirurgião

Lincoln Freitas
Cirurgião

Gustavo Saraiva
Anestesiologista

Lenilson Moreira Filho
Anestesiologista

Jean Jankovski
Lupas Leitor

Ana Jankovski
Lupas Leitor

Márcio Messias
Johnson & Johnson





NO PAIN
NO POWER

BOS

OFFRY
SHOPPING

AMAZON TOURIST

SHOPPING



3.75

3.50

4.00

3.00



Expediente

Reitor
Sylvio Mário Puga Ferreira

Vice-reitor
Jacob Moysés Cohen

Assessora de Comunicação
Ana Carla dos Santos Souza

Redação
Cristiane Souza

Revisão
Cristiane Souza

Fotografia
Ismael Santos (Ascom-Ufam)
Cristiane Souza (Ascom-Ufam)
Evair Lopez
1ºSG-MO Paulo Johnson (Marinha do Brasil)

Projeto Gráfico
Bruna Andrade e Luana Bittencourt

2019



UFAM

